

Centenário de Paulo Sarasate

Política como instrumento de evolução e bem-estar social

J. C. ALENCAR ARARIPE*



Foto: arquivo Nirez.

Paulo Sarasate

Há um século, no dia 3 de novembro de 1908, nascia Paulo Sarasate. Foi batizado com um nome da familiaridade do pai, maestro Henrique Jorge, que talvez sonhasse com um filho envolvido nos doces e sedutores encantos da divina música. O homônimo espanhol, de tanto sucesso, seria forte inspiração.

Não sei se Paulo Sarasate tocou algum instrumento, mas, na partitura que o guiava simbolicamente, não se percebem dissonâncias que

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

gerem constrangimento; pelos caminhos por ele perlustrados, ouviram-se cantos de vitória, que não o ensoberbeciam, mas o encorajavam nas jornadas vindouras.

No centenário de nascimento de Paulo Sarasate, acodem-me à memória reminiscências de forte teor humano, político e social. Ele podia aparentar, em certas ocasiões, mais pelos gestos do que pela palavra, que era de trato difícil, mas, na verdade, prosperavam no seu interior disponibilidade e acolhimento. Quando se afeiçoava a uma pessoa, ia além do prosaico, do trivial. Perscrutava sentimentos, envolvia-se em aconselhamentos que traduziam preocupação e a intenção de apontar rumos. Não o animava a volúpia do ódio que destrói. Procurava ser bom, prestativo e generoso.

A política empolgava-o. Mas não fez dela um meio de vida, muito menos, de enriquecimento ilícito. Foi um irrepreensível prestador de serviço e animoso propulsor de obras de alcance econômico e social.

Assíduo no cumprimento do labor diário, obstinado na perseguição dos objetivos colimados, atento aos fatos e aos seus desdobramentos para servir-se de circunstância adequada, beneficiado por um fadário venturoso, Paulo Sarasate ajustava-se à sentença de Fernando Pessoa: “Para vencer – de forma material ou imaterial – três coisas definíveis são necessárias: saber trabalhar, aproveitar oportunidades e criar relações. O resto pertence ao elemento indefinível, mas real, a que, à falta de melhor nome, chamamos de sorte”.

Sob o signo da vitória

Sarasate teve uma vida marcada de triunfos sem conta. O sucesso pessoal sorria-lhe a cada passo. No desdobramento de suas múltiplas atividades, não soube o que era fracasso. O êxito, eis uma constante.

Com 16 anos envolvia-se no exercício do magistério primário, para auxiliar o pai que não tivera emprego público e que vivera de sua arte e pela sua arte, persistiu na seara da educação, foi professor consciente e responsável, fundador de colégio e entusiasta disseminador de educandários, no Ceará como em outros Estados. Um benemérito autêntico. Paulo Sarasate tinha a vocação do educador. E era tão dominante essa faceta da sua personalidade, que mesmo fora das escolas, jornalista, parlamentar e governante, falava e agia como mestre, ensi-

nando pela palavra e o exemplo, dentro das normas do trabalho e da dedicação, como se deve servir ao Ceará e ao Brasil.

Paulo Sarasate foi cognominado de Deputado da Faculdade de Medicina, tanto pela assistência que deu às suas questões junto aos órgãos do Ministério da Educação, como pelos valiosos auxílios federais à escola que se fundava.

A criação da Universidade Federal do Ceará contou com seu apoio entusiástico, que se traduziu na disponibilidade do jornal que dirigia e na constante e vigilante atuação na esfera dos altos poderes da República. Foi distinguido com o título de *Doutor Honoris Causa* pela UFC.

A política fascinou-o, mas soube utilizá-la como instrumento de promoção do bem coletivo. Tinha obsessão de servir. E os mandatos, que o povo lhe conferiu, em pleitos sucessivos, garantiam-lhe a segurança de uma posição privilegiada, ocupada no proveito do Ceará.

Profundamente vinculado às reivindicações coletivas, delas sempre se fez intérprete através do jornal que ajudou a criar. O deputado foi a continuação na Câmara do jornalista da província. Ninguém o suplantou em espírito público, em dedicação na procura de solução dos problemas do Estado, na defesa intransigente dos interesses do povo. Sarasate desenvolveu uma atividade incomum, no afã de emprestar, como de fato emprestou, o melhor desempenho aos mandatos com que foi honrado. E não há quem, em sã consciência, deixe de reconhecer o mérito e o brilho da sua marcante atuação.

Pelo interior afora, como nesta capital, espalham-se os frutos da sua proveitosa e incansável ação parlamentar, que lhe granjeou as auras de raro prestígio. Com a larga e clarividente visão com que exerceu as funções legislativas, a partir de 1945, Paulo Sarasate deu incontestável projeção nacional à representação do Ceará, ocupando lugar de merecido relevo entre os mais ilustres componentes do Congresso. Deputado federal em várias legislaturas, de tal maneira se conduziu, com tanta elevação pautou a sua conduta, que conquistou também uma auréola de simpatia e respeito, que deve sempre ser realçada como justo prêmio aos seus reais merecimentos.

O empenho de carrear recursos para a sua terra natal não desfigurou a sua abordagem de problemas nacionais; foi a favor da criação da Petrobras e do Banco do Nordeste; defendeu a participação do em-

pregado na administração e nos lucros das empresas e apresentou, nesse sentido, emenda constitucional; coube-lhe a iniciativa de prorrogação da lei do inquilinato para conter os abusos de proprietários de imóveis; comportou-se sempre como paladino do funcionalismo público em suas justas causas; batalhador sem tréguas a favor das obras contra as secas, com ênfase na açudagem e na irrigação; fizeram-lhe justiça ao denominar de Paulo Sarasate o açude Araras no Rio Acaraú, com um bilhão de metros cúbicos, inaugurado em 1958, com seu cinquentenário comemorado, este ano, em Sobral e Varjota. O Instituto Penal, localizado em Itaitinga, com o nome de Paulo Sarasate, não correspondeu aos elevados objetivos a que se propunha. Rebeliões, seqüestros, assassinatos enquadram o presídio no rol do desafortunado sistema penitenciário brasileiro, incapaz de abrigar os criminosos em número cada vez maior e proporcionar-lhes oportunidades de recuperação. Bem inspirada, pois, a decisão de desativá-lo para adaptação à moderna realidade carcerária.

Afonso Arinos de Melo Franco, companheiro de Paulo Sarasate no Palácio Tiradentes, faz-lhe apologia na apresentação do livro *A Constituição ao alcance de todos*. “Era inquieto, impulsivo, honrado, invariavelmente cortês e generoso, contando com amadurecida experiência tanto no Legislativo quanto no Executivo”, acentua Arinos, que confessa haver aprendido a “admirar nele o zeloso deputado, estudioso do Orçamento, vigilante na defesa dos interesses do seu sofrido Nordeste”. E acrescenta: “Orador trepidante e lúcido, contraditor de faiscante rapidez”, defendia suas posições sem descambar para ataques pessoais.

O senador Josaphat Linhares, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), no prefácio do livro acima citado, observa que Paulo Sarasate “reconhece, corretamente, que, nas suas origens e na sua eclosão, o movimento vitorioso de 1964 “não foi uma revolução de características sociais”, nem “de feição política previamente delineada”; não possuía filosofia própria, prefixada”. As “medidas reformistas” surgiram como conseqüência do poder. Daí ter faltado ao projeto da Constituição “aquele espírito criador indispensável, no campo das idéias políticas, às realizações de vulto”. Não há exagero, portanto, em concluir-se que Paulo Sarasate expõe e defende a Constituição sem considerá-la perfeita e intangível. Se nela assinala virtudes, que elogia, faz-lhe também

objeções. Não confunde, enfim, seus deveres de analista e intérprete com suas vinculações de político e senador”.

Sarasate e o esporte

Recordo uma imagem que me ficou do antigo e precário estádio do Prado. Ao pequeno palanque que se destacava em meio às arquibancadas de madeira, que circundavam o campo, tinham acesso algumas poucas personalidades. Entre elas, Sarasate ali se encontrava, com frequência. Não era o assistente calmo, introspectivo, que se limitava à mera contemplação das jogadas em evolução no gramado. Como sempre, era o irrequieto, que torcia, que xingava o juiz, que se identificava com a massa esportiva nos seus transbordamentos de aplauso ou apupo.

Unindo a sua voz a voz da multidão, desejava Sarasate, como depois houve quem sugerisse, ter no estádio “um momento de si mesmo”.

Vi-o depois no jornal, acompanhei-o depois nas jornadas políticas e nos comícios eleitorais. Onde quer que estivesse, Sarasate era sempre o mesmo, combativo, vibrante, apaixonado.

No futebol, acostumara-se a conviver com o povo; na política, fez do povo esteio de todas as suas vitórias. Porque entendia que a atividade político-administrativa necessitava, realmente, da entusiástica e comovida participação popular, tal como se verifica no futebol.

Nos últimos anos de sua existência, empenhado de corpo e alma na reformulação partidária, nem por isso esquecia o futebol. Tempo havia de sobrar, nas suas furtivas permanências em Fortaleza, para confundir-se com os desportistas cearenses e lembrar, no convívio amorável dos amigos, os saudosos dias das frenéticas torcidas de outras épocas.

Ei-lo no Presidente Vargas, alegre e expansivo. Quem o levava era o José Raimundo Costa. Mas, no estádio, tinham de separar-se, porque, no futebol, andavam sempre de ponta: um era Ceará, o outro, Fortaleza; eu nem sequer me insinuava: o Ferroviário não tinha vez.

Mas Sarasate, o desportista, não se limitava a prestigiar com a sua presença os prélios futebolísticos. Cooperou, como poucos, para o desenvolvimento dos esportes no Ceará. E a ele se deve um dos mais arrojados empreendimentos – o Ginásio Coberto -, uma esplêndida realidade que perpetua o seu nome no esporte.

Campanha vibrante

Com um lastro invejável de popularidade, em decorrência de frutos opimos colhidos ao longo do exercício do jornalismo e do mandato de deputado federal, Paulo Sarasate era, na União Democrática Nacional (UDN), o candidato natural ao Governo do Estado na sucessão de 1954, tendo como aliado o Partido Trabalhista Brasileiro. Armando Falcão concentrou as preferências como candidato do Partido Social Democrático e do Partido Social Progressista (PSD – PSP), depois da fracassada tentativa da candidatura de Plínio Pompeu, senador da UDN. Configurou-se uma situação atípica: partidos adversários no plano nacional, era o caso da UDN e do PTB, aliaram-se no Ceará e resistiram às vicissitudes decorrentes do suicídio de Getúlio Vargas; o PSD distanciou-se do PTB, do qual era aliado pelo país afora, e sustentava candidatura própria com o apóio do PSP. Atípica, sim, àquela época, mas hoje o fenômeno se reproduz em maior escala pelo Brasil afora, a evidência mais notada nas eleições municipais de 2008.

A arregimentação partidária não tinha limites. Carreatas, comícios, passeatas sucediam-se nas cidades e vilas. O engajado prefeito Paulo Cabral lançara paródia da marcha *Avante* que incendiava os adeptos de Paulo Sarasate, candidato somente ao governo, prova de confiança na vitória, enquanto seu competidor disputava também a deputação federal, como, aliás, permitia a lei de então. Armando queria salvar a pele..., como de fato salvou.

A campanha concomitante para a Prefeitura de Fortaleza ensejava até surpreendentes desdobramentos propagandistas. O PSD lançara Ary de Sá Cavalcante como seu candidato a prefeito; o mesmo procedimento tivera a UDN com Raimundo Girão na liça; o curioso corria por conta de Acrísio Moreira da Rocha, (PR-Partido Republicano) e que pretendia voltar à Prefeitura com o seu ululante populismo. Em faixas difundidas pela cidade, lia-se: *Acrísio e Armando é bom; Acrísio e Sarasate é melhor.*

As eleições foram disputadíssimas, a apuração lenta e enervante. À noite, reuniam-se populares das duas candidaturas na Praça do Ferreira para acompanhar a marcha da apuração. Concluída a contagem, os números apontavam a vitória de Paulo Sarasate, em Fortaleza e no interior.

Armando Falcão não se conformou, denunciou fraude e recorreu ao Tribunal Eleitoral, onde não encontrou guarida. Tivemos, então, a revivência do jornalismo político no melhor estilo incisivo e brilhante.

No governo do Estado

Sarasate lançou-se de corpo e alma aos encargos da administração, desatento às horas no trato dos negócios do Estado. Era como se tivesse um organismo de ferro e lhe fosse possível resistir sem limites às manifestações de um cansaço inevitável, produzido pelo labor diuturno que chegava ao extremo. Não há de ter sido mera figura retórica, inadmissível pela seriedade da hora que vivia e pela indisfarçável emoção com que falava, aquela sua afirmação de que dera ao governo uma parte da própria existência.

Carlos Cavalcante, sob o pseudônimo de Caio Cid, apresenta importante depoimento sobre as angústias de Sarasate ante o infortúnio do Ceará em 1958. No livro *Conta Gotas*, sob o título "Timoneiro em mar revolto", revela o escritor que estivera "frente à frente com a maior vítima da presente seca do Ceará: o governador Paulo Sarasate. Eram cinco horas da tarde e o gabinete de trabalho do chefe do Executivo apresentava ainda desusado movimento. Deputados, prefeitos do interior e políticos em evidência – todos 'armados' com telegramas de seus lugares – assoberbavam o homem-centro, pedindo-lhe providências, expondo a trágica situação sertaneja. O governador Sarasate, cuja sensibilidade tem sido sempre posta à prova, passeava de um lado para outro, inquieto, a receber nos nervos, no coração e no cérebro enorme carga emotiva. Vendo-o ali, exposto ao ambiente quase angustiante, eu não o considerava o chefe ou o político, mas, sobretudo, o cearense mais diretamente alcançado pelos efeitos morais da calamidade que nos abate. Analisando-o de perto, no seu nervosismo, claro que me deixava contagiar, atormentando-me com o seu drama interior. E não faço exagero nesta afirmativa: cheguei a surpreendê-lo de olhos umedecidos pela emoção. Havia nos seus gestos a inquietação do comandante que dita providências de última hora, ainda na esperança de conjurar uma catástrofe".

Renovação do teatro

Nem tudo era ou tinha sido angústia. Nada se fazia sem esforço constante e bem orientado, mas, em certos setores, os resultados compensavam pela repercussão na área econômica, social, artística e educativa. Relembro a reforma que promoveu no Teatro José de Alencar. Em funcionamento, então, por quase meio século, utilizado não só para as exposições de arte como para estrepitosas convenções políticas, concorridas solenidades de formatura e até festas carnavalescas, o Teatro estava, até 1956, muito maltratado, ressentindo-se de elementos mínimos para atender à sua finalidade precípua.

Transformações substanciais, profundas, foram determinadas pelo governador Paulo Sarasate e supervisionadas pelo incansável Paulino Barroso, alma de artista e permanente apaixonado pelo teatro. De forma que a reabertura do José de Alencar, no dia 24 de março de 1956, haveria de ser uma ocorrência de raro brilhantismo, fazendo para ela convergir as atenções de todos os círculos sociais.

Por uma dessas admiráveis coincidências, a profonia do *O Guarani* abriu o concerto de reabertura do José de Alencar, como há 47 anos marcara o início do concerto de inauguração. Um dos grandes daquele momento – Henrique Jorge – já não existia, mas a orquestra de agora, que executou a bela criação de Carlos Gomes, tinha o nome do aureolado maestro cearense.

Faltava o pai que, a 17 de junho de 1910, dirigiu um grupo de trinta professores que tocou o Hino Nacional à chegada e à saída do Presidente da Província. Mas estava presente o filho que, governando o Estado, promoveu no Teatro obra de recuperação merecedora de aplausos. Não se ouviu, desta feita, como em 1910, a ária da *Bohème* – Michiamano Mimi – entoada pela irmã Maria Amélia Jorge, mas lá estava o coral da instituição que seu pai fundara – o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, perpetuando através dos anos uma geração de artistas. Ao determinar a reforma do José de Alencar, Paulo Sarasate talvez não tenha atentado para esse mundo de saudosas evocações que a festa de reabertura iria proporcionar-lhe, tal a presença do seu genitor na vida do Teatro então quase cinquentenário.

Na escola do jornalismo

A política sacrificara o intelectual, que já mocinho despontara e haveria de reafirmar-se ao ocaso prematuro. Por que maldizer, porém, o seu envolvimento com a política, se Sarasate soube ser grande, nobre e altruísta?

Deputado estadual, deputado federal, senador e governador, louve-se a lucidez da sua atuação na vida partidária, o desprendimento com que se entregava ao cumprimento do dever parlamentar e de governo, a vaidade de ser bom, honrado e trabalhador era atributo da sua personalidade. Sarasate o cultivaria em qualquer ambiente. Para tanto, não lhe faltaria fortaleza moral.

Mas foi na escola do jornalismo, que Paulo Sarasate aperfeiçoou qualidades que tanto o distinguiam. Não era sem razão que se afeiçoara ao jornal. Por mais que o projetassem os embates políticos, não esquecia a fonte de origem, à qual retornava, de quando em vez, como se nela retemperasse as energias para novas e aguerridas postulações. As vibrações do seu espírito arrebatado foram dimensionadas pela constância no trabalho, pelo senso da equidade, pelo calor humano das suas manifestações, pelo amor à verdade, pelo discernimento que via longe, pela honestidade das intenções, pela lisura do procedimento.

Sarasate e a lágrima

Três momentos na vida de Paulo Sarasate deram-me a marca da sua sensibilidade. No dia seguinte ao sepultamento de Demócrito Rocha, estava na redação do *O Povo* na hora habitual. Sem demora, iniciou a escrever o chamado artigo de fundo sobre o morto querido. As lágrimas escorriam ao mesmo tempo que as tiras de papel eram levadas ao linotipista.

Um quadro inesquecível para mim: fora à Casa de Saúde César Cals para visita de cortesia ao amigo João Dummar, operado de surpresa. Chegara tarde, porque o que presenciei foi o drama da lenta agonia do pioneiro da radiofonia, a exalar os últimos suspiros cercado da esposa, dos filhos e outros familiares; a um canto da sala, estático, o casal Albanisa - Paulo Sarasate, ambos emocionados, as lágrimas a escorrerem pelas suas faces. Aquela cena merecia o pincel de um Velásquez.

Nada se comparou ao pranto de Paulo Sarasate ao penetrar no Cemitério São João Batista acompanhando o fêretro com o corpo de sua mãe Júlia Jorge, uma multidão no cortejo, a Bandinha que tinha o nome do deputado a tocar em funeral. Realmente, um tocante espetáculo!

A entrada e a saída

“Essa história de morrer precisa acabar. Ou, antes, a gente boa deveria viver até... quando ficasse ruim”. Ah! Se fosse assim, como sugeria Demócrito Rocha! Outra a realidade, conforme a sentença do padre Manuel Bernardes: “A vida humana é um teatro com duas portas, uma defrente da outra: pela primeira entramos todos a fazer o nosso papel uns diante dos outros, ou, para melhor dizer, todos diante de Deus; pela segunda saímos todos, depois de haver representado. Uma entrada temos todos para a vida e assim mesmo uma saída; não sair quem uma vez entrou, por isso mesmo que entrou, é impossível”.

A 23 de junho de 1968, no Rio de Janeiro, morreu Paulo Sarasate. O desenlace foi plácido, e em questão de poucos minutos, ao contrário da agitação que enfrentara, da turbulência que não era do seu desagrado. Sentia-se bem no fragor da luta. Abatendo-o de um golpe, porque chegara sua hora, parece que a Providência o quis privar de uma longa agonia e da prolongada angústia do instante final.

Homem que amava a vida, não pelos prazeres fáceis que oferece, mas pelo sentido construtivo com que a encarava, Paulo Sarasate deixou-nos – isso foi mais doloroso ainda – quando nos acenava com a perspectiva de opulentas criações, que o seu incansável labor descortinava. Na verdade, a morte o arrebatou do nosso convívio quando muito ainda esperávamos da pujança da sua inteligência, da fecundidade dos seus ideais, da experiência rica e dinâmica que acumulara.